

Covas admite que saí cara defesa dos 4 anos

Mas ele avisa que não desiste: "Não tive 7,8 milhões de votos para pendurar na parede"

Santos (SP)— "Não tive 7,8 milhões de votos para pendurá-los na parede, como alguns querem que eu faça. Tive esses votos para dizer alguma coisa e é exatamente o que pretendo fazer". A frase é do senador paulista Mário Covas Júnior, líder do PMDB na Assembleia Constituinte, reafirmando na noite de ontem, em Santos, que lutará na convenção extraordinária do partido, marcada para o próximo mês, para que a agremiação se defina pela realização de eleições presidenciais em novembro do ano que vem.

— Isso já está me custando caro e talvez custe mais ainda — afirmou — mas é uma convicção que não está ligada a imediatismos, mas sim a uma questão política fundamental: o objetivo do atual governo é de realizar a transição e, terminada a Constituinte, é preciso realizar eleições diretas, para complementar o processo.

— Sou uma pessoa que leva o partido a sério — prosseguiu — e me submeterei a uma decisão contrária, se essa for tomada pela maioria de forma democrática. Entendo assim a questão. Quem não age desse modo é melhor que deixe o partido. Vou defender os quatro

anos de mandato porque creio em meus argumentos.

O senador espera que a convenção extraordinária defina em termos concretos, a nível de atuação e das votações na Constituinte, vários pontos programáticos, de modo que o partido caminhe unido.

PAUTA

Curitiba— As alterações na pauta da convenção extraordinária do PMDB, marcada para os dias 18 e 19 de julho, não vão esvaziá-la nem diminuir o interesse dos convencionais em torno dos temas mais polêmicos. Pelo menos é o que acredita o deputado paranaense Maurício Fruet, o principal artífice da convocação extraordinária. Ele espera que a reunião seja conclusiva e ofereça aos peemedebistas uma orientação definitiva sobre as posições a serem tomadas na Constituinte.

Ele encara a convenção como um verdadeiro divisor de águas, onde quem tem laços afetivos com o PMDB se colocará em favor do cumprimento do programa partidário, enquanto aqueles que se penduram na sigla para sobre-

viver eleitoralmente ficarão desmascarados. Apesar disso, entende que a convenção não aprofundará eventuais cisões: "Pelo contrário, ela vai unir o PMDB, definindo questões hoje contraditórias", diz Fruet. Defensor de um mandato de 4 anos para o presidente Sarney, Maurício está convencido de que a maioria peemedebista também se definirá nesse sentido. Mas frisa que esta não é a principal discussão:

— O mais importante é que o atual governo realize uma política administrativa conforme os princípios e definições programáticas. Não se trata mais de oferecer apoio incondicional ao presidente Sarney. Esta é uma atitude superada no tempo e no espaço. Devemos, isto sim, apoiar uma proposta político-administrativa partidária.

Para ele, o PMDB vive um momento de perplexidade, principalmente porque os planos desenvolvidos pelo governo não respeitam as orientações básicas contidas no programa do partido. E cita como exemplo o Plano Bresser que, se serviu para mostrar uma perspectiva de solução para a crise econômica, não consultou o PMDB.